



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 31

Que conste dos autos

Branca Vianna: Esse é o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

É poderoso saber que uma coisa tá escrita. Que ela tá registrada. Que, como dizem por aí, ela "consta dos autos". É como se, de alguma forma, ela passasse a existir naquele momento. Mas os registros, os autos, são só uma sombra pálida da realidade. Eles não conseguem capturar nem uma fração da complexidade que a gente vive. Mesmo assim, muitas vezes, são só eles que sobram pra contar a história. Então aquilo que era só um pedaço de papel acaba virando muito mais.

Essa semana, a gente tem duas histórias em que o registro de uma coisa acaba pesando muito. A forma como ela é registrada. A forma como ela entra pra história.

Às vezes, esse primeiro registro é completamente fidedigno, e acaba sendo ignorado. Mas às vezes um fato entra pro universo já com um erro na "certidão de nascimento", digamos. E uma vez que tá escrito, tá escrito.

Quem conta essa primeira história é a Paula Scarpin.

ATO 1

Paula Scarpin: Uma vez uma cabeleireira me perguntou com que que eu trabalhava, eu respondi que era jornalista e ela falou: "Legal". E, depois de um tempinho em silêncio, ela mandou: "Deve ser bom, né, ser jornalista, porque, se você publicar uma coisa errada, no dia seguinte o jornal já tá lá embrulhando peixe. Sai outro jornal, pronto. Agora eu, se eu errar num corte de cabelo, são semanas, às vezes meses até crescer de novo".

Longe de mim querer minimizar o impacto de um corte de cabelo desastroso – quem assistiu Fleabag sabe do que eu tô falando. Mas – talvez por corporativismo, pode ser –, talvez por querer acreditar que o meu trabalho tem alguma importância – eu acho que o erro jornalístico tem mais potencial de dar merda. Primeiro, pro próprio jornalismo. Toda a ideia do jornalismo é baseada na confiança do leitor (do ouvinte, do telespectador, sei lá, do consumidor da notícia) de que a gente tá falando a verdade.

Flávia Marreiro: É repetido muitas vezes que a precisão é uma das fortalezas do negócio.

Paula Scarpin: Essa é a Flávia Marreiro.

Flávia Marreiro: Meu nome é Flávia, tenho 42 anos, tenho quase 20 de jornalismo em breaking news. E comecei a carreira pela Folha, onde eu fui trainee e fiquei por 12 anos. Depois passei pelo El País por oito, e agora estou na agência Reuters.

Paula Scarpin: A história que a gente vai contar hoje é de quando a Flávia estava na Folha de São Paulo.

Flávia Marreiro: Estamos falando de 2005. Eu tinha 25 anos, estava há dois e meio na Folha.

Paula Scarpin: Eu nunca trabalhei na Folha, mas eu tenho muitos amigos que trabalham ou trabalharam na Folha, e eu já trabalhei com muita gente que

trabalhou na Folha, então eu sei que a Folha tem uma política especialmente rígida com os erros dos repórteres.

Flávia Marreiro: A Folha tinha um esquema feito para você não errar.

Paula Scarpin: É um esquema polêmico, com muitos críticos e muitos defensores. Mas fato é que ele fica marcado em quem passa por lá.

Flávia Marreiro: Tinha escrito na parede várias maneiras e escrito errado, Massachu – que eu não vou conseguir pronunciar. Mas-sachusetts-setts. E aí Massachussetts errado várias vezes, dizendo: "Não chute, cheque". Não chute que você vai saber escrever Massachussetts. Você vai ter que checar, porque se você vai escrever... isso era uma coisa clássica que eu gostava como princípio.

Paula Scarpin: A Flávia, deu pra perceber, é do time das defensoras desse esquema. Talvez seja síndrome de Estocolmo.

Flávia Marreiro: Todo dia a gente recebia um caderno de erros circulado, quem errou, com suas iniciais. Ou seja, os erros, seu nome, sobrenome. Essa cultura, ao mesmo tempo que eu supervalorizava – achava que: "Cara, tô na escola certa do negócio" –, aquilo me mantinha sempre numa super tensão.

Paula Scarpin: Parece tortura psicológica – e talvez seja, um pouco – mas os motivos são nobres. Além de o "valor do negócio do jornalismo" ser a confiança no conteúdo, tem o fato de que: o que a gente fala e escreve tem consequências na vida das pessoas.

E, bom, imbuída nessa missão de não errar – fosse pra não prejudicar ninguém, fosse pra não ir parar no caderno de erros – a Flávia estava lá começando a carreira dela no jornalismo no maior jornal do país.

Naquela época, ela trabalhava como redatora – quer dizer: ela ficava na redação recebendo a apuração dos repórteres e escrevendo, diagramando a página do jornal.

Flávia Marreiro: Então, minha função principal era de redatora, mas eu sempre quis também ser repórter, sair pra rua ir, para o front mesmo de pegar as informações em primeira mão. Eu trabalhava mais tarde, noite no fechamento, mas se aparecesse uma oportunidade de fazer uma reportagem mais cedo, eu ia, porque eu queria mostrar que eu podia fazer isso também, dar ideias da pauta. Enfim, tinha essa ambição.

Paula Scarpin: E aí, pintou uma pauta num sábado à noite, em um dia que a Flávia não estava de plantão.

Flávia Marreiro: E era para cobrir um discurso que obviamente ninguém queria fazer, que é o Fernando Henrique falando o começo da noite de um sábado num auditório, no Anhembi, algum evento numa área erma que eu ainda não sabia localizar bem de São Paulo.

Paula Scarpin: O evento era o 8º encontro estadual do PSDB de São Paulo, e aconteceu mesmo no centro de convenções do Anhembi, na zona norte da capital paulista. Pertinho do sambódromo.

Flávia Marreiro: Lembro que era meio escuro, achei meio decadente o local. Não é que estava bombando de jornalistas, não era um evento prime-time.

Paula Scarpin: Lembrando, maio de 2005, começo ainda do primeiro governo Lula, e as primeiras notícias concretas do Mensalão só iam começar a aparecer no mês seguinte. Quer dizer: não tinha tanta gente assim a fim de saber o que o PSDB tinha a dizer. E a Flávia lá, de caderninho em punho.

Flávia Marreiro: Caderninho, os bloquinhos lá, da Folha, assim, retangulares. Tive vários em casa. Em geral, eu desenho, vou desenhando assim, pra me concentrar no que o cara tá falando. Eu sou péssima de anotar, eu sempre gravo, justamente porque eu não sou uma boa anotadora. Mas na época a gente gravava com um gravador de pilha. Eu lembro de ter posicionado o gravador numa caixa de som.

Paula Scarpin: A Flávia não estava esperando nenhum grande furo naquela noite. Mas, quando o Fernando Henrique subiu no palco, ela percebeu que a pauta não era tão fria assim.

Flávia Marreiro: O Fernando Henrique estava magoado. Era o começo de um pouco da decolagem do Lula. E o Lula, já no começo do governo, tinha cunhado essa expressão: "Nunca antes na história do país".

Lula: "Nunca antes na história desse país..."

Flávia Marreiro: Que irritava profundamente o Fernando Henrique.

Paula Scarpin: O Fernando Henrique ficava especialmente irritado com esse bordão do Lula porque ele tinha tido dois mandatos na presidência. Oito anos de governo imediatamente antes do Lula ser eleito. Então, se tinha tanta coisa assim que "nunca antes na história desse país" tinha sido feita, o que que a gente conclui sobre o governo dele, né?

Flávia Marreiro: E o Fernando Henrique não estava para apaziguamento. Ele estava num dia especialmente fora da casinha, vamos dizer assim, porque ele começou a falar que o PT era como um peru bêbado no carnaval.

Paula Scarpin: "Um peru bêbado no carnaval". A gente vai ter que imaginar a cena, porque nem a Flávia guardou essa fita, nem o diretório do PSDB de São Paulo tem esse registro. Mas a frase chamou a atenção da Flávia. Tanto que o título da reportagem que ela publicou no dia seguinte foi: "'País está sem rumo e governo parece um peru bêbado', diz FHC". O "carnaval" só ia aparecer dentro da matéria.

Flávia Marreiro: Mas peru e carnaval? Não é peru e páscoa? Peru ação de graças? Que diabos, peru e carnaval?

Paula Scarpin: Natal, né?

Flávia Marreiro: Natal... Mas foi isso mesmo que ele falou. E ele estava muito irritado, falou isso e tal. E o Fernando Henrique era muito magoado com a história de que o Lula falava popularmente, fazia metáforas. Era uma época em que o Lula estava estreando, essa coisa de tudo era uma comparação com futebol, uma comparação com o que era bem o discurso que funcionava tanto politicamente como também para o povo. Enquanto o Fernando Henrique era o cara que fazia a ironia, né? Que era uma comunicação mais restrita, não era o que ia receber o banho de povo, apesar do real e tal. Eu até tinha feito uma matéria antes sobre isso, falando que tinha saído o governo da ironia e tinha entrado o da metáfora. E o que que isso queria dizer para as comunicações do governo. Eu sempre me interessei por essa coisa de discurso. Tinha feito essa matéria que eu adorava, porque na época a Renata Lo Prete tinha gostado, tinha participado da matéria, eu fiquei toda cheia. Então eu tinha isso, cara. É isso. Ele está tentando uma frase de efeito, uma coisa popular.

Paula Scarpin: Ok, peru bêbado. A Flávia já tinha o título da matéria dela. Mas ela não parou de se surpreender com a virulência do discurso.

Flávia Marreiro: Um ataque até virulento para característica do Fernando Henrique com relação ao PT e ao governo.

Paula Scarpin: O discurso continuou e a Flávia colheu mais uma pérola de bile do Fernando Henrique pra citar na reportagem:

Flávia Marreiro: Fernando Henrique criticou o que ele está identificando como uma "sertanização" do poder em Brasília – que ele acha que isso pode prejudicar a democracia e tal.

Paula Scarpin: A "sertanização do poder". O Lula nasceu em Garanhuns – que não fica no sertão, mas no agreste pernambucano, e vamos combinar que esse seria o menor dos equívocos de uma afirmação dessas. Mas eu nunca tinha ouvido essa expressão "sertanização". Pelo menos não nesse contexto político. Normalmente, quando alguém do "sul, sudeste" quer

criticar políticos nordestinos, a expressão preconceituosa que a gente mais ouve é "coronelismo".

Paula Scarpin: Mas você já tinha visto alguém falar de "sertanização" nesse sentido, que não fosse num sentido geomorfológico de seca, que fosse sobre política mesmo?

Flávia Marreiro: Cara, eu não tenho essa memória de ter lido.

Paula Scarpin: Ok. O Fernando Henrique podia tá ali cunhando uma expressão ao vivo. Ele já tinha falado: "peru bêbado no carnaval", aí ligou o shuffle de xingamento, metralhadora giratória de preconceito.

Flávia Marreiro: Nem me lembro de ter conversado com alguém que eu poderia ter falado: "Você viu que doideira? Ele falou isso?" Não me lembro de ter tido essa interlocução, que é muito comum. Não me lembro.

Paula Scarpin: Isso que eu pensei. Será que ela, tipo: "Ele falou mesmo 'sertanização' mesmo?" Não, tipo, você achou que...

Flávia Marreiro: Não, não, achei. Anotei no caderninho.

Paula Scarpin: Anotou no caderninho, no meio dos desenhos, embaixo do "peru de carnaval". O evento terminou, e a Flávia voltou pra redação da Folha.

Flávia Marreiro: Nessa época não se levava ainda o laptop para fazer no mesmo lugar, voltar pra redação, bater o texto com algum outro infeliz, mais infeliz que eu, estava esperando esse texto pra fechar.

Paula Scarpin: O outro infeliz, no caso, o redator de plantão naquela noite de sábado, pra fechar o jornal do dia seguinte – que ia chegar nas bancas em poucas horas. A Flávia não lembra quem era o infeliz em questão. Mas, juntos, eles decidiram botar o peru no título e jogar a "sertanização" mais pra baixo, no intertítulo. Ficou assim – abre aspas: "O tucano atenuou uma declaração

recente sobre 'crise institucional' vivida pelo país. 'Eu não penso isso, no curto prazo'. Mas ressaltou que, com a 'sertanização' de Brasília, 'pode atingir a democracia'." Fecha aspas.

Flávia Marreiro: E fui pra casa. Ou, sei lá, devo ter ido beber. Enfim, era sábado. Beleza.

Paula Scarpin: A matéria saiu na edição de domingo – um dia que muita gente compra jornal. Mas ela não saiu com um super destaque. Ficou lá pelo meio do caderno "Brasil".

Flávia Marreiro: Quando foi na segunda-feira de manhã, começou um começo um zum zum zum de que o PT tinha lançado uma nota rebatendo que o Fernando Henrique tinha dito no sábado. E a nota falava essa coisa do "peru bêbado" e tal, mas o PT fazia questão de também apontar o elitismo do Fernando Henrique, que falou, segundo a Folha, da "sertanização", e da a origem do presidente. Não me lembro exatamente os termos usados na nota, mas era criticando o elitismo do Fernando Henrique, mas, assim, um posicionamento clássico entre PT e PSDB e tal.

Paula Scarpin: Então a primeira nota que chegou – essa que a Flávia falou – foi do PT. Mas, logo depois.

Flávia Marreiro: Aí sim começou realmente meu inferno.

Paula Scarpin: Chegou outra nota. Do PSDB.

Flávia Marreiro: Dizendo que ele não falou "sertanização". Que ele até rebateu o PT, mas que ele não falou essa parte. Aí sim começou o meu inferno, porque eu trabalhava com um amigo, o Rafael Cariello do lado. Eu falei: "Rafa, vamos ouvir a fita, porque ele tá falando que não falou isso e tal". Mas aí o Rafa falou: "Sinto muito, ele falou 'centralização'. Ele não falou 'sertanização'".

Paula Scarpin: Ele falou "centralização". Não falou "sertanização". Quer dizer: o que o Fernando Henrique estava criticando – e dizendo que podia atingir a democracia – era a "centralização" do governo Lula.

Flávia Marreiro: Eu devo ter checado só a aspa principal do peru e carnaval para ver se era aquilo mesmo, mas eu não tomei o segundo passo que era assim: "Cara, se você vai usar textualmente isso, você tem que ter certeza que ele falou isso". "Você gravou, assim, a norma é você gravar justamente para isso." Eu teria que ter escutado de novo o que ele falou e eu não fiz.

Paula Scarpin: Não era um erro pequeno.

Flávia Marreiro: Foi realmente um erro. Não era um erro: "Ah, você trocou um número, de boa". Eu tinha simplesmente inventado uma palavra que ele não tinha falado. Uma palavra com super carga política que o cara tinha dito. Aí a coisa ficou séria, porque ao longo desse dia, mais pessoas criticaram, não sei se nesse mesmo dia, no outro. Eu lembro de ter lido: "O líder do governo na Câmara e no Senado, Aloizio Mercadante, foi à tribuna e criticou o Fernando Henrique por ter falado da sertanização". Eu falei: "Cara, vai virar uma coisa impossível". Aí eu fiquei lívida, né? Tinha que falar com o Fernando – Fernando Barros era o meu chefe na época.

Fernando Barros: Eu tinha esquecido desse episódio, porque jornal diário, né. Eu fiquei mais de oito anos como editor de política, fechando jornal todo dia.

Paula Scarpin: O Fernando Barros, que era o chefe da Flávia, já foi meu chefe também, alguns anos depois, lá na revista Piauí, onde ele tá até hoje. E talvez você provavelmente conhece ele do Foro de Teresina.

Paula Scarpin: E ela falou que podia ter checado. Eu lembrei de também – porque você veio da Folha – e a primeira matéria que eu fiz com você...

Paula Scarpin: O Fernando chegou na Piauí vindo diretamente dessa "escola Folha", do "não chute, cheque". E eu meti um erro logo na primeira matéria minha que ele editou.

Fernando Barros: Foi a primeira edição da Piauí que eu fechei com sua capa.

Paula Scarpin: Era um perfil do médico Roberto Kalil, e eu errei qual era a faculdade que uma médica colega dele tinha feito.

Paula Scarpin: E aí eu coloquei que ela tinha feito o Federal de Goiás. Na verdade ela tinha feito uma outra. E você falou: "Olha, esse tipo de coisa, é o tipo que derruba a credibilidade da matéria. Se uma pessoa sabe que ela não fez essa faculdade e você colocou que era essa faculdade, ela vai duvidar de todo o resto que você escreveu".

Fernando Barros: Falei isso, Paulinha?

Paula Scarpin: Mas eu achei que faz todo sentido. A pessoa vai duvidar mesmo.

Fernando Barros: A gente está muito sujeito ao erro no jornalismo. Mais o diário até...

Paula Scarpin: Muito mais no diário. Sim, porque na Piauí, que é mensal, dá tempo pra passar por uma edição cuidadosa, pela checagem, pela revisão – inclusive esse meu erro não foi publicado. Mas lembrando que a Flávia tinha coberto o discurso do Fernando Henrique no sábado à noite, batido o texto, e domingo de manhã o jornal já estava nas bancas, chegando na casa dos assinantes. E na segunda, o PSDB já estava mandando nota desmentindo a matéria.

Flávia Marreiro: Tinha que falar com o Fernando que era verdade, que ele realmente não tinha falado, que ele tinha falado de centralização.

Paula Scarpin: A Flávia estava preparada para o pior. No caso, a demissão, a infâmia. Ficar marcada pra sempre por um erro.

Flávia Marreiro: E os amigos, eram uma espécie de – os jornalistas novos, eles têm uma espécie de comunidade. Então todo mundo ia lá me dar os pêsames, e ver o que tinha acontecido.

Paula Scarpin: Mas a demissão não veio. Não num primeiro momento, pelo menos. A Flávia ficou incumbida de limpar a lambança.

Flávia Marreiro: E aí o Fernando falou: "Ó, falei com a direção, a gente não vai dar só um 'Erramos' normal, a gente vai dar uma matéria escrito assim: 'Fernando Henrique não disse sertanização'. Porque o PSDB está muito irritado com o erro e o desgaste que isso provocou". E aí, além da nota do "Erramos", saiu a matéria dizendo que ele não tinha dito isso.

Paula Scarpin: O texto, que saiu na terça-feira, diz que – abre aspas: "A nota do PT acusa a certa altura o ex-presidente de ter cometido um ato de 'elitismo arrogante', baseando-se em uma frase que FHC na verdade não disse e que foi transcrita incorretamente pela Folha (leia a seção Erramos)."

Flávia Marreiro: "Olha, estão citando a Folha, mas não é verdade, parará, parará".

Paula Scarpin: "Segundo a edição de anteontem do jornal, FHC teria dito que 'a sertanização' por que passa Brasília 'pode atingir a democracia'. O PT viu na afirmação um sinal de preconceito contra o 'povo humilde'. FHC, porém, se referia aos riscos da 'centralização' do poder em Brasília." Fecha aspas.

Flávia Marreiro: Foi um dia – dias, né? Mas esse, principalmente, foi um dia horrível, que eu tinha que revisar coisas do "Erramos". Não ia está só na coisa vermelha, eu tinha virado notícia com o próprio "Erramos". Chorei. Mas o Fernando me deu uma luz, porque por mais do rigor que tinha que dar, tudo, ele estava achando graça do erro. Lembro que ele tinha dito que o Otávio também tinha achado engraçado.

Paula Scarpin: Otávio Frias Filho, o diretor de redação do jornal, chefe do Fernando Barros. E que tinha uma coisa em comum com ele: os dois eram grandes leitores de obras sobre psicanálise. "Ato falho". Que, pros seguidores de Freud, é quando o inconsciente atropela a consciência e resolve dar um alô.

Flávia Marreiro: Na verdade, eu sou do sertão do Ceará. Eu sou de uma cidade chamada Canindé. O Canindé é um dos pontos mais perto de uma capital para você mostrar que está seca, que é sertão, né? Então tinha fotos do Sertão Central, né. Você quer mostrar os estragos da seca, e esses primeiros anos pra mim, em São Paulo, era muito de embate de identidade. Quem sou eu do sertão que trabalho na Folha?

Paula Scarpin: A Flávia estava no meio desse processo de tentar entender quem ela era, de onde ela vinha...

Flávia Marreiro: Também na época eu estava lendo Grande Sertão Veredas, eu tenho uma tatuagem de Grande Sertão Veredas.

Paula Scarpin: Qual era o papel que ela estava ocupando nesse lugar novo. Uma estranha no ninho, cobrindo política num jornal do sudeste.

Flávia Marreiro: E essa coisa de ligar "A política retrógrada, ela é do Nordeste. O resto nós somos todos civilizados". "O Brasil moderno infelizmente tem que carregar vocês, mas nós aqui somos um Reino Unido". Entendeu? Essa discussão me irritava bastante. Vocês têm um monte de coronéis, vocês têm o Garotinho... E vêm dizer que eu sou – no caso dos sertanejos – que somos os únicos coronelistas do país. Isso me irritava na época, eu lembro.

Paula Scarpin: Isso na vida profissional. Na vida pessoal, era um baque diferente. Ela sentia que estava caindo de pára-quedas num ambiente em que todo mundo já se conhecia.

Flávia Marreiro: Ainda mais o círculo onde a gente frequentava. "De onde você é? Nunca te vi". Porque às vezes as pessoas que se conheciam do colégio. Essa coisa de chegar mesmo, ser migrante, né?

Paula Scarpin: Ser migrante. Mas numa situação bem diferente da grande maioria dos migrantes nordestinos em São Paulo.

Flávia Marreiro: Todos os garçons de onde a gente ia, o bar dos jornalistas, o Filial, todos os garçons eram de São Benedito, uma cidade do Ceará que é meio na serra. E então eu tinha uma conexão com eles. Eles eram também migrantes como eu. Mas obviamente eu não estava na mesma condição que eles.

Paula Scarpin: É o tão do "entre-lugar". Claro que tudo isso é pano pra manga pra muita sessão de análise.

Flávia Marreiro: Isso era um debate, e até hoje minha análise é sobre pertencimento.

Paula Scarpin: E a Flávia foi encontrar um analista nas páginas da própria Folha: o Tales Ab'Sáber. Isso antes da 'sertanização gate'.

Flávia Marreiro: Eu lembro que eu fui procurar o Tales porque ele tinha escrito um texto no jornal sobre "O dono do Mundo", a novela "O Dono do Mundo". Então juntava minhas duas obsessões, que eram novela e psicanálise. Eu lembro que eu adorei esse texto. Então eu bati, disse que tinha um salário no piso do jornal e eu falei: "Eu quero fazer análise com você". E ele me aceitou por um preço "pós-estudantil". Tales era o filho de um professor da USP, era amigo do Fernando. Ele estava nas páginas dos jornais. Era uma doideira. Porque eu fui inventar esse analista? Lembro que o pessoal falava "Cara, o Tales tá aí no nono andar, vai participar de um debate". Era o meu analista participando de um debate na Folha, com as pessoas que eram as que eu citava também no conflito. Realmente, eu me pus nessa enrascada também.

Paula Scarpin: Mas, se por um lado era uma "enrascada" o analista frequentando literalmente o mesmo círculo da Flávia, por outro, ele conseguia entender completamente o ambiente que estava causando esse "mal-estar" nela.

Flávia Marreiro: O mal-estar na paulistanidade.

Paula Scarpin: E aí teve o episódio da "sertanização".

Paula Scarpin: Você pediu sessão extra?

Flávia Marreiro: Acho que não. Talvez tenha ficado mais tempo na sessão, mas pelo gerenciamento de crise, que ele achava que eu estava hipersensível com o assunto, com o subconsciente coletivo reacionário que estava reagindo ali ao Lula, e a coisa tinha saído, assim, como se fosse um ato falho nesse, que tinha explodido ali no texto. E eu amo, né? Assim, gastei um carro popular de análise, tipo uma entrada do apartamento. E aquilo me dava uma outra camada, eu sei lá. Quase fui demitida, mas pelo menos tem um sintoma detectado do meu mal-estar na paulistanidade.

Paula Scarpin: Esse "quase fui demitida" é por conta da Flávia, porque isso realmente não parece nem ter passado pela cabeça dos chefes dela.

Fernando Barros: Ficou um ato falho poético, dá o que pensar. Além de ser poético, dá o que pensar.

Flávia Marreiro: A confraria psicanalítica me salvou, porque o erro era tão bizarro que teve uma certa empatia por ele no fim das contas. E o Fernando falava: "Cara, mas é tão louco esse erro?" Por essa primeira reação, eu achei que não ia ser decapitada por causa desse erro, mas obviamente ia ser tirado de mim algum tipo de cobertura de importância. Eu fiquei muito nervosa e pedi pra ele se eu podia antecipar alguns dias de folga que eu tinha e, obviamente, os amigos todos estavam sabendo da confusão. Eu lembro que eu cheguei em

Fortaleza, um amigo foi me buscar no aeroporto, e falou assim: "Flávia, olha aqui que que o Mainardi escreveu". Ele ainda tinha coluna na Veja.

Paula Scarpin: Se você não tá ligando o nome à pessoa, esse Mainardi que a Flavia tá falando é o Diogo Mainardi – que mais tarde ia publicar um livro chamado "Lula é minha anta", e que depois ia fundar o site O Antagonista. Essa coluna dele saiu menos de um mês depois do fatídico encontro do PSDB paulista que a Flávia cobriu. Eu vou ler um trechinho aqui. Abre aspas: "Recentemente, Fernando Henrique Cardoso denunciou a 'sertanização' da política brasileira. Depois negou ter usado o termo. Toda vez que Fernando Henrique diz algo aproveitável, ele volta atrás." Fecha aspas. Sem comentários. Mas essa não foi a única repercussão.

Saiu outra coluna, essa no Jornal do Brasil, do Mauro Santayana, e essa defendendo a sertanização. Um trechinho – aspas: "O ex-presidente Fernando Henrique não meditou bem o sertão. O sertão, no imaginário popular, é o espaço da bravura, do sacrifício, da fé e da honra. É a de Euclides, de Graciliano, de Glauber Rocha e de Guimarães Rosa que, com Riobaldo, nos diz que 'o sertão é do tamanho do mundo'. Sendo assim, e nessa ordem de ideias, é bom 'sertanizar' o Brasil." Fecha aspas.

Mas talvez a repercussão mais ruidosa tenha sido produzida pelo Ciro Gomes – que, na época, era Ministro da Integração do Lula. (Sim, o mundo gira a lusitana roda...). Depois de um encontro com a bancada do Nordeste na Câmara dos Deputados, o Ciro foi abordado por jornalistas do Globo e disse que – aspas de novo: "O Fernando Henrique não se recata ao pudor de um ex-presidente. Usa 'expressões chulas' e 'radicalização rasteira'. Apresentando-se como príncipe e com deboche sobre a 'sertanização' da política em Brasília, o que não disfarça o preconceito contra Lula."

O Fernando Henrique não se fez de rogado, e na semana seguinte o Ciro recebeu uma notificação judicial pra se retratar sobre as críticas – qualificadas de "crime contra a honra". Eu não consegui descobrir o desfecho dessa história, se o Ciro se retratou ou não.

Flávia Marreiro: Cara, não vai morrer nunca, nem com uma estaca no peito. Essa história vai me perseguir. Depois, já no El País, eu entrevistei o Fernando Henrique na pandemia. E eu fiquei um pouco de conversinha, de quebrar o gelo no começo: "E aí, como o senhor tá, não tem saído?" Mas eu hesitei, eu não tive coragem de perguntar: "Sou eu, a da sertanização".

Paula Scarpin: Claro que eu tentei falar com o Fernando Henrique – queria demais uma "justiça restaurativa" (entre aspas) entre ele e a Flávia, mas a gente não conseguiu. A gente tem que ficar com a fantasia da Flávia.

Flávia Marreiro: Porque eu sempre fantasiava. Cara, imagina ele sentado lá no banheiro, na cadeira mole, lendo a Folha do dia e se deparando com essa frase. Eu sempre quis saber o que diabos ele pensou. Tipo: "Cara, a gata surtou, inventou completamente o que eu falei". E uma certa parte minha, acho, confia que ele poderia ter um fio – apesar do transtorno causado pra ele – um fio de bom humor, como o Fernando teve.

Fernando Barros: Fernando Henrique que sempre: blobbloblo centralização, sertanização...

Paula Scarpin: Estava torcendo pra ter uma imitação!

Flávia Marreiro: O Fernando Henrique não é conhecido por sua dicção límpida. No Ceará, a gente diria que ele fala "com uma macaúba na boca", que, como sempre, fala do bla bla...

Paula Scarpin: O que é uma macaúba? É uma fruta?

Flávia Marreiro: É uma fruta. Então, de algum jeito, no Ceará se fala assim "falar com a macaúba".

Fernando Barros: Não é? Centralização do governo.

Paula Scarpin: O Fernando Barros também contou de um erro dele, do começo de carreira – que não chegou a aparecer no "Erramos" da Folha, mas que fez ele morrer de vergonha mesmo assim.

Fernando Barros: Era um jovem repórter. Escrevi lá um texto sobre televisão – metido como eu era, 22 anos, citando Adorno, etc. Saiu no domingo. Na segunda-feira chega um "vai e vem", que era aquele envelopinho pardo que caminhava pela redação, que troca de comunicação interna. Chegou com o nome do Otávio.

Paula Scarpin: Lembrando: Otávio Frias Filho, diretor de redação da Folha.

Fernando Barros: Nunca tinha falado com ele. Eu era o redator, tinha secretaria de redação, tinha o editor, editor, assistente. Ele podia passar para qualquer pessoa, mas passou direto para mim. Eu abro ali. Tá recortada a matéria, tem uma caneta vermelha. Ele puxa a caneta vermelha, escreve assim, comentário no meu texto: "Se quiser citar Adorno, aprenda antes a colocar crase". Eu tinha errado a crase. E eu nunca mais esqueci aquele não dormi aquela noite, enfim.

Paula Scarpin: Tem erros mais e menos inofensivos, né? Não dá pra imaginar uma carreira no jornalismo demolida por causa de uma crase, mas a "sertanização" parecia mais grave.

Flávia Marreiro: "Eu vou ficar marcada por essa história". Mas felizmente no jornalismo tem muitos dramas escandalosos por dia. E aí foi se assentando, foi esquecendo. Imagina se isso fosse na época das redes sociais? O impacto teria sido outro e com certeza muito mais complicado de desmentir. Mesmo me desmentindo com página inteira, isso ainda viveu, quanto mais se tivesse a caixa de reverberação das redes que tem o que tem hoje.

Na época, as redes sociais estavam engatinhando, ainda tinham blogs e tal. Eu poderia ter virado um alvo da virulência, por exemplo, dos defensores do Fernando Henrique: "Foi ela que inventou que ele falou", "Ela que plantou". Porque pra juntar jornalismo e psicanálise, "às vezes

um charuto é um charuto". Você sabe que nem sempre o charuto é o falo. Então, às vezes você errou porque a repórter veio do sertão e tá numa crise, debatendo na análise e fez isso. Não porque ela quis colocar aquilo para mover uma máquina. E nos últimos anos, essa discussão da intencionalidade do jornalista, e como você tá a todo tempo calculando as consequências políticas daquilo, é a nossa obrigação fazer isso, mas muitas vezes o jornalismo é o texto clássico, é uma marcenaria. Você tá ali, você está cansado e eu fico: "Será que se eu for ao dentista, se ele estiver num dia do jeito que eu estiver hoje fazendo essa matéria, estou ferrada. Porque as profissões têm oscilações, as pessoas têm dias melhores e piores".

A questão do jornalismo é que isso tem uma consequência pública grave, né? Então esse é um assunto que me acompanha nesse sentido. E como isso foi mudando de uma maneira muito mais grave para os jornalistas, pra nossa indústria de jornalismo em si mesma. O que você resolve destacar e vender nas redes sociais como informação mais importante? Saber que as pessoas só leem aquilo. Você imagina, aquilo estava no meio de um texto, não estava em um título, provavelmente não ia para as redes sociais.

Paula Scarpin: Talvez tivesse passado batido, né?

Flávia Marreiro: Mas aí não, porque aí teria um tuiteiro que que faz tuiteiro, ia lá pegar e falar assim: "Olha, olha isso que o Fernando Henrique falou da 'sertanização'". E eu vejo isso acontecer, que passa para além do jornalismo oficial. Você não consegue desmentir tudo e fica uma sensação de derrota.

Fernando Barros: A coisa da credibilidade é fogo. E quando a gente erra, a gente fica traumatizado. Quando você falou, lembrei na hora, mas eu não estava lembrando antes.

Paula Scarpin: Foi bom saber que, quando o Fernando pensa na Flávia, a primeira sinapse não é o erro da "sertanização".

Fernando Barros: E ela é excelente, jornalista, excelente. É dedicada, inteligente e pouco indulgente com ela mesma. Um erro desse tem pessoas que levam mais na boa – "errei, tal". Uma vez eu estava cortando cabelo no Rio, quando morei no Rio. E o cara abriu um buraco no meu cabelo e ele me mostrou: "Ó, errei. Se até o Zico erra pênaltis, por que eu não posso errar também?" Eu falei: "É? Tá bom".

Paula Scarpin: Você achou graça?

Fernando Barros: Ah, achei graça! Eu fiquei meio atônito. Enfim, nunca mais voltei no cara. Tem esse tipo de personalidade. E tem o outro tipo, que é o meu, o seu, da Flavinha. A gente se corrói por dentro.

Branca Vianna: Essa foi a Paula Scarpin, diretora de criação da Novelo.

Quando a gente ouve a frase "que conste dos autos", muitas vezes parece o último refúgio de uma pessoa desesperada. Do tipo: a pessoa já sabe que ela não vai conseguir o que ela quer. Ela já sabe que ela perdeu. Ela só quer que, em algum canto, em algum pedaço de papel – ou nem isso mais; em alguns pixels perdidos no mundo – ela quer que conste em algum lugar que ela achou tal coisa. Ou que ela tinha razão.

Vença quem vencer, os autos são o que sobra. E quem lê os autos, mesmo, né? Bom, nessa segunda história, a Evelin Argenta conversa com alguém que fez exatamente isso.

ATO 2

Évelin Argenta: Eu nasci numa cidade que é muito católica. Tipo aquelas cidades que têm um campanário que, todo dia, chama pra missa das quatro da tarde, sabe?

E eu era uma criança bem católica. Eu fiz catequese, primeira eucaristia, crisma... Depois eu descambeí aí pela vida, e hoje em dia o que sobrou disso é só um monte de orações e trechos da missa ocupando espaço na minha cabeça. Nada além disso. Quer dizer, sobraram uns medos também. Tipo uma ansiedade que me batia toda vez que chegava a hora da comunhão na missa.

A comunhão, pra você que não é católico, é o auge da missa. É a hora em que todo mundo recebe a hóstia — que é um disquinho de farinha, tipo um biju — e fica quietinho, ajoelhado, rezando, pensando nos pecados, meditando sobre os ensinamentos de Jesus.

Isso era o que a gente devia fazer, né? Porque, nessa hora, mais grudada que a hóstia no meu céu da boca, era a voz da minha mãe dizendo: "Não pode morder a hóstia". "Não pode morder a hóstia porque é pecado". "Não pode morder a hóstia porque ela sangra".

E não era total maluquice da minha mãe. Era um medo que fazia todo o sentido dentro da filosofia católica.

Dia Nobre: Na doutrina se chama transubstanciação eucarística, que é a transformação da hóstia no corpo de Cristo e do vinho no sangue de Cristo. O ritual da comunhão na Igreja Católica é uma antropofagia. O devoto, ele come o corpo de Cristo e ele bebe o sangue de Cristo.

Évelin Argenta: Essa que tá falando é a Dia Nobre. Ela é historiadora e escritora.

Dia Nobre: Atualmente sou professora universitária em uma universidade do estado do Pernambuco, mas eu sou natural do Cariri cearense, de Juazeiro do Norte, no Ceará.

Évelin Argenta: Juazeiro do Norte. Uma cidade muito — mas muito — mais católica que a minha. Consequentemente, a Dia era uma criança muito mais católica que eu. Aliás: era bem católica até pros padrões de Juazeiro.

Dia Nobre: Minha vó, ela tinha uma rotina muito específica. Ela acordava todos os dias às 04h00 para rezar o ofício de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. E depois ela ia pra a missa na Igreja dos Franciscanos, que é uma igreja bem famosa de Juazeiro do Norte. Depois ela voltava para casa pra fazer as coisas dela. Meio-dia ela parava, rezava outro ofício. 18h00, ela rezava um terço e outro ofício. E assim, ela meio que seguia todas as horas canônicas, rezando o dia inteiro. E me colocava também nisso. Você não via crianças na missa de 05h00, sabe? E eu estava lá.

Évelin Argenta: E a Dia não gostava nem um pouco disso tudo.

Dia Nobre: Era uma coisa, assim, que quando eu era criança eu odiava. Mas viver cercada de tantos santos e tanta reza meio que, durante um tempo, isso causou uma angústia em mim. E eu queria me libertar disso. Mas hoje eu acho fantástico.

Évelin Argenta: Fantástico porque anos depois de — provavelmente — ser a única criança obrigada a ir na missa das cinco da manhã, a Dia viu uma utilidade nesse conhecimento acumulado sem querer.

Dia Nobre: Então eu fui fazer história. E aí quando eu entrei na faculdade, entrei já no movimento estudantil, o movimento feminista, frentes de mulheres e eu queria estudar alguma coisa relacionada às feiticeiras na Inquisição. Eu gostava muito dessa ideia, dessas mulheres subversivas. Mas aí, claro, o ano era 2004 e aí a gente não tinha ainda internet com todos os arquivos disponíveis e aí eu não tinha, obviamente, como ir para a Europa pesquisar nos arquivos da Torre do Tombo os processos de feiticeiras que eu queria. Então eu fui procurar na história da minha cidade se eu encontrava algo que me movesse. E eu fui ler esse livro que é O Milagre em Juazeiro, de um norte-americano chamado Ralph Della Cava que morou no Brasil na década de 60, ele veio para estudar coronelismo e conheceu a história do Padre Cícero.

Évelin Argenta: Bom, mesmo que você não seja católico, ou que nunca tenha passado nem na frente de uma igreja, é quase impossível que você nunca tenha ouvido falar do Padre Cícero.

Juazeiro do Norte nasceu como um povoado bem pequeno que pertencia à cidade do Crato – que foi onde o Padre Cícero nasceu. Ele foi muito atuante como padre, como revolucionário e como político no final do século XIX e no começo do século XX.

Esses papéis eram meio borrados, mesmo, porque o país estava vivendo um momento de muita-coisa-ao-mesmo-tempo-agora: era uma seca bizarra no Cariri, a monarquia estava desmoronando, um monte de revoltas separatistas pipocando pelo país inteiro. E, de repente, esse padre causador fica famoso por causa de um milagre.

Dia Nobre: Juazeiro do Norte tem uma história oficial, que é a história que é contada, inclusive nas escolas. A gente tem uma disciplina, que é a história de Juazeiro, e aí a gente aprende como é que a cidade foi criada. E a história oficial é que em 1889 o Padre Cícero ministrou a hóstia a uma beata, essa hóstia sangrou, e esse milagre fez de Padre Cícero um santo popular.

Évelin Argenta: A Dia fala em "santo popular" porque, mesmo que exista um processo de beatificação em andamento no Vaticano, o Padre Cícero ainda não é um santo reconhecido pela Igreja Católica – mas, pro povo de Juazeiro do Norte, isso nunca fez diferença.

Na verdade, Juazeiro do Norte foi fundada e vive em torno da figura do Padre Cícero. O cartão postal da cidade, aliás, é uma estátua dele de 27 metros que fica em cima de uma colina. Só uma curiosidade: é a terceira maior estátua de concreto do mundo, tá! E isso, claro, tem muito a ver com a figura política do padre Cícero, que chegou a lutar pela independência de Juazeiro e, em 1911, foi o primeiro prefeito da cidade. Mas, é muito mais do que isso. A veneração vem de antes. Vem da crença na santidade do padre.

Dia Nobre: E Juazeiro do Norte é uma cidade que ela cinco vezes por ano se enche de gente e vira um formigueiro. Então a rotina da cidade toda se prepara para isso. Você tem caminhões e carros de romeiros pelas ruas. Muita gente vem e toda a população se prepara para receber esses romeiros, seja fazendo comida, seja preparando o rancho. Então, toda a economia do local também funciona em torno das romarias.

Évelin Argenta: Os romeiros vão a Juazeiro pedir bênçãos e milagres pro Padre Cícero. E a crença de que — mesmo depois de morto — ele vai conseguir realizar os pedidos desses fiéis, tem origem em um milagre, que ele operou em vida.

Dia Nobre: O Padre Cícero ministrou a hóstia a uma beata e essa hóstia sangrou.

Évelin Argenta: Era cinco da manhã de uma sexta-feira, primeiro de março de 1889. Na Capela Nossa Senhora das Dores, o Padre Cícero ministrou a eucaristia — ou deu a hóstia — pras beatas que tinham passado a madrugada toda em vigília, rezando novenas ao Sagrado Coração de Jesus. Era Quaresma, o período de penitência que antecede a Páscoa.

Só que a hóstia que estava na boca de uma das beatas começou a sangrar. Claro que, quando eu ouvi essa história pela primeira vez, eu pensei logo na minha mãe. "Não pode morder a hóstia!" Será que a beata tinha mordido a hóstia? Ok, agora eu tô velha e cética o suficiente pra saber que não escorre sangue de um disquinho de biju.

A minha mãe não queria que eu mordesse a hóstia, por um lado, pra ela durar mais — pra eu ficar mais tempo refletindo se tava sendo uma boa menina —, e, por outro, porque a hóstia é uma coisa sagrada pros católicos. Lembra? A tal "transmutação" ou "transubstanciação" que a Dia Nobre estava falando. Esse é O grande milagre da fé do catolicismo: a transformação da hóstia em carne. Nessa hora apoteótica da missa, o padre repete as mesmas palavras que Jesus teria dito na Santa Ceia, quando ele partiu o pão — "este é o meu corpo...", "este é o meu sangue".

Aí — simbolicamente, claro — o disco de farinha representa o pão, que representa o corpo de Cristo, e o vinho representa o sangue dele. Mas tudo isso de maneira simbólica, claro. Ninguém sente gosto de carne quando bota a hóstia na boca, nem de sangue, quando bebe o vinho. Mas isso é numa celebração normal, corriqueira, sem milagres envolvidos. Naquele dia 1º de março de 1889, a história foi outra.

O que se conta é que, quando Padre Cícero deu a hóstia pra beata, a hóstia sangrou na boca dela. A Dia conhecia bem essa história, mas ali, lendo os detalhes sobre o incidente no tal livro de mais de 500 páginas, do Ralph Della Cava, ela percebeu que estava falando uma pecinha nessa história.

Dia Nobre: Não tinha sequer o nome da beata. A beata mal aparecia. Tem exatos dois parágrafos em todo o livro dele. E eu pensei: mas por que essa beata não aparece mais? Por que ele não traz mais essa mulher? E aí eu descobri que a documentação que ele usou estava no arquivo da Cúria Diocesana do Crato. Então eu fui até lá e consegui o acesso ao processo, que é um processo episcopal, que foi instaurado em 1891 pra investigar esse sangramento da hóstia.

Évelin Argenta: E foi lá, no arquivo da Cúria Diocesana, que a Dia encontrou as primeiras informações sobre a Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo ou a Beata Maria de Araújo, como ela era mais conhecida em Juazeiro. Ela e o Padre Cícero se conheceram em 1872, quando a Maria tinha menos de 10 anos. E, de cara, ele teria notado uma coisa diferente nela — uma tal "disposição pra vida interior". Interior, no caso, dela mesma. Coisa de espírito, e tal. E aí, por causa disso, ele teria aconselhado os pais da Maria a deixarem ela viver dedicada à vida religiosa.

E, nisso, o padre Cícero passou a ser o tutor espiritual da Maria de Araújo. Os dois tinham uma relação muito próxima. E foi recebendo a eucaristia dele que a hóstia sangrou pela primeira vez. Ela tinha 27 anos, e ele, 45. E Juazeiro, nessa época, era um vilarejo muito pequeno. Aí, você calcula a velocidade em linha reta do bafafá.

Dia Nobre: Como é que começou a história do milagre nos jornais? Tem um jornalista que é muito importante na história, que é que se

chama José Marrocos. O José Marrocos, ele tinha sido seminarista. Mas nesse momento, quando ele testemunha o milagre da hóstia, ele acredita piamente que aquilo é um milagre. Então ele escreve para vários jornais que ele tinha contato. Então sai a notícia do milagre em Fortaleza, no Jornal Fraternidade, que era um jornal católico. Sai no jornal A Verdade e sai no Diário do Comércio do Rio de Janeiro.

Évelin Argenta: E sai em outros jornais brasileiros também, que contam a história do sangramento da hóstia como um milagre, mesmo. Na edição de 29 de agosto de 1889 do Diário de Pernambuco tinha a seguinte notícia: "Facto Estupendo. Há três léguas desta cidade demora um povoado chamado Joaseiro, onde habita Maria de Araújo, mulher mais preta do que parda, de estatura baixa e compleição franzina; é bastante feia".

Dia Nobre: Então, o primeiro milagre acontece em março de 1889. Em junho, sai a primeira notícia. Em novembro, a notícia já está circulando na Europa.

Évelin Argenta: E se você calha de não ser muito versado no catolicismo, cabe dizer que esse milagre da hóstia que sangra não era uma coisa inédita. Era um milagre meio "clássico" na Igreja Católica, tipo as imagens de santas que choram, sabe?

Mas a notícia de que tinha uma mulher preta, pobre e analfabeta, no nordeste do Brasil, manifestando em si milagres que antes só tinham sido vistos nas igrejas europeias... Não caiu lá muito bem nos ouvidos da Igreja Romana.

Dia Nobre: Quando a igreja começa a investigar esses fenômenos, a aparência dela vai ser usada justamente para desvalorizar os fenômenos. Inclusive tem um padre francês que é o Padre Chevalier, que diz que Deus não vai deixar a Europa pra lá para fazer milagres no Brasil, ainda mais com a mulher preta. Então ele diz isso expressamente em uma carta. Essa carta, inclusive, é bem conhecida e é muito usada para falar da perseguição que a Maria de Araújo sofreu.

Évelin Argenta: E aqui é importante a gente conhecer um pouco do contexto da época. A Igreja Católica estava tentando fazer valer no Brasil naquele momento — final do século XIX — as regras da chamada Reforma Ultramontana, que, basicamente, era uma mudança na igreja que concentrava ainda mais os poderes no Papa e definia de uma forma muito rígida a doutrina católica. Ou seja, nada podia ser interpretado ou cultuado de um jeito diferente do que Roma interpretava ou cultuava.

E a Maria de Araújo, sangrando na comunhão, chamou a atenção de muita gente. Até que isso chegou à alta cúpula da Igreja Católica na Itália e, indiretamente, ao Papa Leão XIII. Aí, a ordem que veio de cima pra baixo foi: esconder o que estava acontecendo.

Dia Nobre: O bispo Dom Joaquim começa a receber, né, você perguntou como é que isso reverbera na Europa? Dom Joaquim, o Bispo Emérito do Ceará. Ele começa a receber cobrança: “Então o que é que está acontecendo aí? Você que é o bispo, você não, não tá comunicando isso”. E aí o bispo escreve muito indignado para o Padre Cícero, falando que soube pelo jornal o que estava acontecendo, que ele não tinha se dignado a escrever, né? Dom Joaquim exigindo que o Padre Cícero ponha um fim a essa divulgação de fenômenos e de milagres. E o Padre Cícero dizendo que não tem nada a ver com isso.

Évelin Argenta: O Padre Cícero estava topando essa história de abafar o caso, primeiro porque ele ficava preocupado com a Maria, mas também porque ele tinha ambições dentro da igreja e a repercussão disso podia pegar bem mal pra ele. Só que a Maria — que até então era uma beata como as outras — começou a ser venerada no povoado. E isso virou um problemão. Pra ela e pro Padre Cícero.

Dia Nobre: Ele tem essa preocupação em não se indispor com Dom Joaquim e, ao mesmo tempo, proteger a Maria de Araújo. Então ele leva, por exemplo, em algum momento, a Maria de Araújo para a casa dele para cuidar dela e não deixar que as pessoas ficassem visitando ela. Porque quando ela estava na casa da mãe, o dia inteiro era gente

querendo ver a Maria de Araújo, querendo tocar a Maria de Araújo. Ela também apresentava os estigmas da crucificação.

Évelin Argenta: Os "estigmas da crucificação", no caso, "as chagas de Cristo" – outro milagre relativamente comum no catolicismo, dos fiéis que começam a apresentar feridas nos pulsos e nos pés, onde Jesus foi pregado na cruz.

Dia Nobre: E aí esses estigmas também sangravam e as pessoas ficavam visitando a casa, querendo tocar nesse sangue, querendo cura, fazendo reza, enfim.

Évelin Argenta: Nos jornais, as notícias continuavam. E cada vez mais os adjetivos usados pra falar da Maria eram coisas como: "Virtuosa moça, devota de reconhecidas virtudes, a santa do Juazeiro". O povoado começou a receber gente de várias partes da região, cultuando uma espécie de santa própria, mesmo. O que era exatamente o contrário do que a Igreja Romana queria. A ordem então foi investigar que diabos — perdão — estava acontecendo em Juazeiro.

Dia Nobre: Então são instaurados dois processos episcopais. O primeiro processo episcopal, ele é feito por dois padres muito conceituados, que é o padre Clicério e o padre Antero.

Évelin Argenta: Padre Clicério da Costa Lobo e Padre Francisco Ferreira Antero, dois dos melhores teólogos do Ceará na época.

Dia Nobre: Eles eram formados em Roma. O padre Antero, inclusive, já tinha sido cotado para uma vaga de bispo. Ele se formou na Escola de Teologia de Roma. E aí o padre Clicério também tinha uma formação teológica impecável. Eles vêm para o Juazeiro para fazer os testes com a beata. Inclusive a hóstia sangra várias vezes quando o padre Clicério ministra a hóstia pra beata. Então são chamados três médicos para fazer um exame da beata e para fazer um exame do sangue na hora que essa hóstia sangra. Então esses médicos, eles examinam a beata e eles fazem laudos dizendo que a beata é completamente

saudável e que o sangue não vem da beata, que o sangue realmente brota da hóstia, que ela não tem nenhum tipo de ferida na boca, porque se aventava que ela podia ser tuberculosa, por exemplo, ela cuspiu o sangue.

Évelin Argenta: Essa comissão, então, chegou a uma conclusão que pode soar "inconclusiva" pra mim, pra você... que era a de que não tinha como explicar o que estava acontecendo. Mas, dentro de um processo episcopal, isso queria dizer que se tratava de um milagre, mesmo.

Dia Nobre: Quando esse relatório chega em Fortaleza, nas mãos do Dom Joaquim, o Dom Joaquim, ele vai dizer que não aceita esse relatório, que os padres foram ludibriados. Foram enganados porque não é possível que esse fenômeno esteja acontecendo ali no interior do Ceará. Ele simplesmente não aceita.

Évelin Argenta: O Dom Joaquim, o bispo emérito do Ceará, tinha sido enviado pra lá no contexto da tal Reforma Ultramontana. Ele tinha a missão de reformar o clero cearense, que tinha fama de ser muito dado a superstições, meio messiânico demais pro gosto da "igreja romana". Quer dizer, ele tinha uma missão muito clara.

Dia Nobre: O Dom Joaquim, ele diz: No meu bispado isso não vai acontecer. Ele destitui essa primeira comissão e ele manda uma segunda comissão, que é formada pelo Padre Alexandrino de Alencar, que é um pároco do interior do Ceará, que não tinha formação teológica nenhuma. E aí ele chama esse padre, que era muito amigo dele, e diz: "Olha, você vai para o Juazeiro e você vai provar que esses supostos milagres são um embustes, são falsidades".

Évelin Argenta: E o Padre Alexandrino levou isso bem a sério.

Dia Nobre: Enquanto a primeira comissão trata a beata realmente já como uma santa, o Padre Alexandrino, ele vai mandar prender a beata na casa de caridade. Torturava ela, deixando ela a pão e água, batia nela com palmatória. Então tem alguns relatos nesse sentido. E

quando ele ministra a hóstia a ela e lhe faz ela ficar com a boca aberta e o pescoço levantado por horas, assim, esperando essa hóstia se transformar em sangue, então também era outro tipo de tortura que ela tinha que ficar de joelhos, com a boca aberta, olhando para cima.

Évelin Argenta: E, nessas eucaristias tortuosas do padre Alexandrino, a hóstia não sangrava de jeito nenhum.

Dia Nobre: Quando a essa hóstia não sangra, ela vai dizer que não sangra por causa dele, porque ele que está em pecado. E então, ele, como essa hóstia não sangra, ele já usa isso para dizer que o fenômeno é um embuste. São chamados outros dois médicos que vão dizer que a beata era histérica. A gente recupera o século XIX, as teorias que estão em voga área a psicanálise do Freud, os trabalhos do Charcot com relação à histeria feminina. Então vão dizer que ela, essa manifestação, é uma manifestação histérica.

Évelin Argenta: E aí, os adjetivos pra falar da Maria de Araújo começam a mudar. Se antes ela era santa, virtuosa, devota, agora...

Dia Nobre: A gente tem várias descrições dela de forma pejorativa, apontando possivelmente cachaceira, dependente alcoólica e que ela era uma mulher preguiçosa que queria seduzir os padres. Enfim, uma série de coisas aí vem contra ela. E a Santa Sé elabora um documento, em 1894, com uma série de mandamentos que tinham que ser cumpridos. Então você tem a reclusão, a decretação da reclusão da Maria de Araújo em uma casa de caridade mandam queimar e destruir tudo e destruir os paninhos que tinham o sangue.

Évelin Argenta: A glorificação fervorosa, a execração pública, e o esquecimento.

O documento da Santa Sé foi a última comunicação oficial sobre os acontecimentos de 1889 e, provavelmente, a última vez que Maria de Araújo foi citada oficialmente.

Dia Nobre: Como a Maria não escrevia, então a gente não tem muitas notícias dessa vida dela após 1894, que é quando vem a condenação da Santa Sé. Aí você tem um apagamento proposital. Então se destrói tudo o que está relacionado a ela e manda ela se recolher em uma casa de caridade. É óbvio que talvez não naquele momento, mas com o tempo as pessoas vão esquecer da existência dela, porque não há registros sobre isso. Pouco se falava dela. Quem ainda fala dela é o José Marrocos. Assim, muito esporadicamente. O Padre Cícero não falava sobre ela, não falava.

Évelin Argenta: E ele tinha os motivos dele pra não falar. Em 1892, dois anos antes da condenação final da Maria, o Padre Cícero tinha perdido as ordens sacerdotais.

Ou seja, ele continuava sendo padre, mas ele não podia rezar missa, ouvir a confissão das pessoas, dar comunhão. E isso aconteceu, justamente, porque ele não quis negar os milagres da beata. Só em 2015, 81 anos depois da morte do Padre Cícero, é que a Igreja Católica devolveu os direitos sacerdotais a ele.

A Beata Maria de Araújo viveu enclausurada, sem contato com ninguém de fora da casa de caridade, até a morte dela em 17 de janeiro de 1914. Ela foi enterrada, a pedido do Padre Cícero, num túmulo dentro da Igreja do Socorro, em Juazeiro. Só que em 1930, o vigário da cidade, o monsenhor José Alves de Lima, mandou destruírem o túmulo dela

Dia Nobre: E pega esses restos mortais da Maria de Araújo na calada da noite e joga ninguém sabe onde. Estão, até hoje a gente não sabe onde é que estão os restos mortais da Maria de Araújo. Eles desapareceram.

Évelin Argenta: Nenhuma sepultura, nenhum documento ou objeto pessoal, nenhum texto de próprio punho — porque era analfabeta — poucas fotografias. Mas curiosamente, muitos registros nos jornais da época. E todos eles com nome, sobrenome, características físicas e espirituais. Antes de ser apagada, a existência dela foi muito documentada. Documentada até demais, pro gosto de certas pessoas.

A Dia tinha começado toda essa pesquisa porque ela se interessava por mulheres feiticeiras, mulheres subversivas que a Igreja tentou apagar. E ela acabou encontrando a história de uma beata. De uma mulher de fé. Quão subversiva foi essa mulher — que existiu, que tá nos jornais — pra que a memória histórica dela fosse apagada desse jeito permanente?

Enquanto o padre Cícero foi transformado numa das personalidades mais conhecidas do Brasil, com biografia descrita em diversos livros, reportagens... Ele é julgado, defendido, analisado, polemizado. Sobra pra beata Maria de Araújo, esse papel de coadjuvante. A gente não precisa acreditar em milagre pra se indignar com o tamanho dessa injustiça. E eu já tava bem indignada quando a Dia Nobre me contou um detalhe — que, aliás, de detalhe não tem nada.

Dia Nobre: A hóstia sangrava quando ela comungava com outros padres também. Então, pra mim, isso já é um indício muito forte de que era ela o instrumento do milagre.

Évelin Argenta: O milagre que fez o Padre Cícero ser tão conhecido — e perseguido, claro, mas também reverenciado e adorado até hoje... não acontecia só com ele. Mas acontecia sempre com ela. A beata Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo. A Dia quer fazer a parte dela pra gente não esquecer esse nome.

Dia Nobre: Eu acho que é um grande mérito da Maria de Araújo era ser uma mulher que, apesar de pobreza, de miséria, de carência, de ser uma mulher preta, possivelmente descendente de pessoas que foram escravizadas, ela provocar esse rebuliço na ordem da Igreja Católica. Ela fazer o nome dela chegar a Roma, né? Então, uma pessoa que nasceu num lugar não é contra todas as possibilidades ela incomodou toda a hierarquia da igreja. Ela mexe do padre, que está ali do lado dela, até o papa Leão 13 é envolvido na história, né? E aí eu pensei: aqui está a minha subversiva, aqui está minha bruxa feiticeira que eu queria tanto estudar.

Branca Vianna: Essa foi a Évelin Argenta, produtora sênior da Rádio Novelo.

Obrigada por acompanhar a gente até aqui – e aproveita que você já tá com o celular à mão e segue o Rádio Novelo Apresenta aí no aplicativo em que você tá ouvindo a gente.

Se você tá gostando do podcast, você pode também deixar uma avaliação, um comentário – seja na plataforma que você usa pra ouvir, seja nas nossas redes – no Twitter e no Instagram, a gente tá no @radionovelo.

Além de caprichar nas histórias que a gente traz pros seus ouvidos toda semana, a gente também faz uma newsletter bem simpática em que a gente conta um pouquinho do episódio da semana e deixa uma dica de alguém da equipe.

Te convido a visitar também o nosso site, onde a gente sempre publica um post com material e referências extras de cada episódio. Essa semana, tem um clipping de todo o enrosco da sertanização da Flávia Marreiro, fotos da beata Maria de Araújo e a tese de doutorado da Dia Nobre. Se você tiver alguma sugestão de história, é só mandar um email pra gente: apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pelo Plínio Lopes e pela Denise Ribeiro. A sonorização é da Paula Scarpin, da Júlia Matos e da Bia Guimarães. Nesse episódio, a gente usou música original de Victor Rodrigues Dias e da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O Gilberto

Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.